

Revista Olorun N. 21, Dez. 2014

ISSN – 2358-3320 <http://www.olorun.com.br>

SOLAGBADE POPOOLA E O NOVO MITO IORUBÁ DA CRIAÇÃO DO UNIVERSO

Luiz L. Marins

<http://www.luizlmarins.com.br>

RESUMO:

Este artigo analisa alguns aspectos do novo mito ioruba sobre a da criação do universo publicado pelo sacerdote de Ifá Solagbade Popoola, que está sendo amplamente distribuído na internet.

Palavras chaves: Ifá, Ioruba, Mitologia africana,

KEYWORDS: Ifa, Yoruba, African Mythology

EXTRATO PARA TEOLOGIA:

CONFLITOS TEOLÓGICOS

O uso da palavra teologia, segundo alguns, de origem cristã, segundo outros, já usada na Grécia por Platão, não implica em olhar pelo viés do cristianismo. Seu uso deve-se à falta de uma palavra iorubá que expresse o mesmo sentido. Poderíamos usar “*ifé nínú èkó nípa Olórun*” (Fakinlede, 2008, p. 427) ou “*imo Olórun*” (CMS, 2001, p. 189), mas não vemos em que isso acrescente algo, exceto pelo conhecimento do termo. Em nosso entendimento, não há inconveniente no uso da palavra portuguesa “teologia”. Não somos contrários às palavras iorubas, mas críticas ao uso da palavra teologia parece-nos um excesso de afro centrismo.

Popoola faz um excelente trabalho de coleta e publicação das histórias sagradas de Ifá através da série *Ifa Dida*. O novo mito iorubá da criação do Universo publicado por Popoola é abrangente. Para estudá-lo em todos os seus detalhes, demandaria um livro. Entretanto, apesar de seu apaixonado discurso a favor da África e das coisas africanas, seu novo mito conflita teologicamente com a religião tradicional iorubá, indo justamente na contramão do que pretende defender.

Para entendermos melhor este conflito, é preciso conhecermos alguns conceitos básicos sobre o teísmo, e aí sim, é perfeitamente cabível a crítica da visão sob o viés do cristianismo, pois atributos como onisciência, onipresença, onipotência, são conceitos teológicos do colonizador imputados sobre a religião ioruba. Neste sentido, vemos que a teologia, cosmogonia, e teogonia de Popoola estão muito mais alinhadas com o cristianismo, do que com os iorubas, apesar, como já dissemos, da intenção em defender a (sua) religião tradicional.

Seguem-se alguns conceitos básicos sobre o teísmo, apenas o necessário para desenvolvermos nosso pensamento:

TEÍSMO - (do gr. theos. Deus) Doutrina que afirma a existência de um Deus único, onipotente, onipresente e onisciente, criador do universo, tal como na tradição judaico-cristã. (Japiassu e Marcondes, 2001)

TEÍSMO. Este termo, usado desde o séc. XVII para indicar genericamente a crença em Deus, em oposição a ateísmo (assim também em Voltaire, Dictionnaire philosophique, a. Théiste), foi definido por Kant, no seu significado específico, em oposição a deísmo. Kant diz: "Quem só admite uma teologia transcendental é chamado de deísta; quem admite também uma teologia natural é chamado de teísta.

O primeiro (deísta) admite que, com a razão, apenas podemos conhecer um Ser originário do qual só temos um conceito transcendental de um Ser que tem realidade mas que não pode ter nenhuma determinação a mais.

O segundo (teísta) afirma que a razão tem condições de dar mais determinações do objeto segundo a analogia com a natureza, ou seja, pode determiná-lo como Ser que, por intelecto e liberdade, contenha em si o princípio originário de todas as outras coisas. Aquele representa esse Ser apenas como causa do mundo (sem decidir se é uma causa que age pela necessidade de sua natureza ou por liberdade), este representa-o como um criador do mundo".

Em outros termos, o deísta pode ser também panteísta e acreditar na necessidade da relação entre Deus e o mundo, embora também possa não ser;

O teísta contrapõe-se ao panteísta.

Ademais, indo além daquilo em que a razão pura permite acreditar, o teísta afirma a respeito de Deus qualidades ou características não testemunhadas pela razão, mas pela revelação; nesse sentido, como Kant diz mais adiante, no mesmo trecho, ele crê num "Deus vivo".

Essas observações de KANT definiram o significado do termo no uso contemporâneo, em virtude do que teísmo se contrapõe não só a ateísmo mas também a deísmo e a panteísmo, admitindo-se Deus como pessoa, embora em sentido mais elevado do que o comumente atribuído ao homem.

Nesse sentido, o teísmo é um aspecto essencial do espiritualismo (ou personalismo) contemporâneo, especialmente na sua reação ao idealismo romântico, que é sempre tendencialmente panteísta. O teísmo foi explicitamente defendido tanto pelo espiritualismo que reagiu ao hegelianismo clássico (doutrina de Hegel, Fichte Júnior, Lotze e outros) ou ao positivismo (Renouvier, Boutroux e outros), quanto pelo espiritualismo que reagiu ao neoidealismo romântico surgido nas primeiras décadas do séc. XX na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Itália, do qual o próprio espiritualismo extrai muitos dos seus temas. (ABBAGNANO, 2007, p. 942)

TEÍSMO – O teísmo é um conceito que surgiu no século XVII. Contrapõe-se ao ateísmo, deísmo e panteísmo. O teísmo sustenta a existência de um Deus (oposto ao ateísmo), ser absoluto transcendental (oposto ao panteísmo), pessoal, vivo, que atua no mundo através de sua providência, mantendo-o (contra o deísmo). No teísmo a existência de um Deus pode ser provada pela razão e por evidências empíricas, prescindindo da revelação; mas não a negando, contudo. Seu ramo principal é o teísmo Cristão, que fundamenta sua crença em Deus e na **Sua revelação** sobrenatural através da Bíblia- (o negrito é nosso).

WIKIPÉDIA, 2014. (Ver bibliografia).

O que interessa em nossa análise é o conceito teísta da **revelação** de Deus, tal qual Jeová a Moisés, ao dar-lhe as tábuas da lei, ou indiretamente, como Alá a Maomé através do anjo, mas **sem** poder delegado. É sobre esta base conceitual do teísmo que pretendo discorrer: o da revelação, interação e delegação de poder (ou a falta dela). Para saber mais sobre conceitos teológicos, visite a Biblioteca Orixás, pasta Teologia (ver bibliografia).

Nos mitos tradicionais dos lorubas sobre a criação ocorre a **delegação de poderes** de Olôdumare (Deus) à divindade protagonista criadora, seja ela qual for. Esta divindade vem fazer “**sua**” vontade de Orixá e não a vontade de Olôdumare.

Já nas religiões teístas, Deus “revela-se e interage” tanto na criação, como na organização do mundo, e ainda que envie mensageiros, estes vêm para fazer a vontade **Dele**, pois não delega poderes.

Assim, os lorubas apresentam Olôdumare como a fonte de um poder que é **delegado** às divindades, pois tudo é realizado pelo “poder do Orixá” que vem ao mundo. Não há revelação nem interação de Olôdumare com a humanidade. Embora outros aspectos

possam ser analisados a favor ou contra este argumento, isto faz da religião ioruba uma religião “não teísta”.

Esta forma de conceito teológico ioruba “não teísta” (*imó Olórun*) não tem classificação nas religiões dos colonizadores. Eles não o compreendem, e não o concebem como uma identidade teológica dos iorubas, justamente por não terem **esta** visão sobre Deus.

Atualmente, o teísmo aberto prega a “não” onisciência de Deus, o que o faz mais perto da África do que o teísmo clássico da Europa; entretanto, continua sendo teísmo, pois não há delegação de Poder.

Portanto, se a religião ioruba não é teísta, não pode ser monoteísta, politeísta, panteísta, henoteísta, ou qualquer “qualquer coisa teísta”. O atual conceito teológico de teísmo pregado pelo colonizador não inclui o *imó Olórun* dos iorubas. Assim, consideramos um erro classificar a religião tradicional ioruba, ou as religiões de matrizes africanas, como monoteístas. Não são.

Para serem teístas, deveriam antes, serem henoteístas (o culto de várias divindades subordinadas a um Deus Supremo, sem poder delegado). Não pode ser também politeísta (culto de vários deuses independentes) sem superiores ou subordinados

É aí que entra o conceito teísta da nova história da criação iorubá de Popoola, ou o Orúnmiláismo do Ijô Orúnmila Ato, como falou Idowu. Teologicamente está muito mais de acordo com a religião do colonizador, do que com as religiões tradicionais, ainda que ele pretenda defender os interesses da África.

A questão principal não é nem mesmo a criação do novo deus universal **AKAMARA**, em substituição a Olôdumare, e nem toda sua abstração imaginária da criação cósmica concebida habilmente por Popoola. (Akamara é um adjetivo que significa algo maravilhoso como em: “*ayé àkàmràrà* - mundo maravilhoso” (Abraham, 1962, 82)

O que é realmente importante, em nosso entendimento, é que ele afasta-se dos conceitos teológicos dos Iorubas quando retira a delegação de poderes de Olôdumare ao Orixá criador (seja ele qual for) de forma que, em sua criação mitológica, Olôdumare cria diretamente, revelando-se e interagindo. Ora, isto é uma característica do teísmo.

Este é ponto.